

ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas
Conceição Lopes

- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo
Fernando Santos Pessoa

- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa

- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques
Nouri Boukhchim

- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa

- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)
Beya Abidi

ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar
Gonçalo Duarte Gomes

- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez

- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández

- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista

- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)
Meriem Marzouki

- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie
Ons Najjar, Raja Gzara

- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** *Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen*
Leila Harabi

ENTRE FRONTEIRAS ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago
Jorge de Oliveira
- 94** *Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** *Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa*
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** *Estremoz: assentamento e fronteira*
Ana Costa Rosado

ENTRE ÁGUAS ENTRE LES EAUX

- 112** *A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX*
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** *La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo*
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI*
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** *Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares*
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** *Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco*
Filipe Mário Lopes

ENTRE TEMPOS ENTRE LES TEMPS

- 139** *Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal*
Maria Fernandes
- 142** *A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo*
Vítor Ribeiro
- 149** *Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie*
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** *Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura*
Miguel Ferreira Mendes

UMA PONTE CONSTRUÍDA EM TAIPA — SOBRAL DA ADIÇA, MOURA

Miguel Ferreira Mendes

CRAterre / AE&CC / ENSAG / Université Grenoble Alpes (France)
m.ferreira.mendes@gmail.com

1. Introdução

Entre Junho e Outubro de 2011 decorreu no Sobral da Adiça, concelho de Moura, um curso de formação em reabilitação de edifícios em taipa destinado, sobretudo, mas não exclusivamente, a membros da comunidade cigana local. Com uma regularidade diária e em horário completo, esta formação visava capacitar estas pessoas com as ferramentas e os conhecimentos que permitissem uma intervenção directa na melhoria da qualidade das suas habitações, e desenrolou-se em formato *obra-escola*, em sistema *hands-on*, tendo como objecto a reabilitação parcial de um edifício, executada integralmente com técnicas, saberes e recursos locais e de carácter reprodutível. O edifício, de carácter semi-público, foi posteriormente devolvido à comunidade, tendo isso servido para criar pontes entre a comunidade cigana e a restante população do Sobral da Adiça.

2. Contexto

2.1. A comunidade cigana de Sobral da Adiça, em Moura, sofreu um processo de sedentarização recente, que se traduziu na ausência de dinâmicas de itinerância contínua ou rotativa, mas não na materialização de habitações de carácter permanente: instalados em abrigos precários, os membros desta comunidade tinham simplesmente abandonado a errância por espaços transitórios que os ciganos tradicionalmente habitam, mas a sua implantação continuaria a assentar mais em *registos imprecisos de funções humanas* do que em *estruturas construídas* (Mestre, 2013, p.16).

Em 2010, os danos causados pelas chuvas nas suas habitações precárias, instaladas em terrenos vagos da periferia da localidade, levaram a Junta de Freguesia a permitir o assentamento temporário desta comunidade num terreno de jogos da povoação.

O imprevisto prolongamento dessa situação despoletou alguma animosidade por parte da restante população, evidenciando a clivagem latente que persiste, um pouco por todo o mundo, entre comunidade cigana e não-cigana, e que poderá advir do facto de a forma de vida dos nómadas relembrar aos sedentarizados *aquilo de que terão abdicado em troca da sua ideia de conforto, de bem-estar, de segurança, estabilidade social* (Mestre, 2015, p. 64).

Somos os símbolos viventes de um mundo sem fronteiras, de um mundo livre, sem armas, no qual qualquer um pode viajar sem limitações, das estepes da Ásia central às costas atlânticas, dos planaltos da África do Sul às florestas finlandesas. Vaida Voivod III, presidente da Comunidade Mundial dos Ciganos, em *Algemeen Handelsblad*, 18-05-1963 (transcrito em Careri, 2013, p. 105).

Desta forma, a comunidade cigana encontrava-se novamente em situação de não ser desejada onde se tinha instalado. Entre as possibilidades de reacção, com diferentes requisitos e consequências, estava a de uma real sedentarização da comunidade, no que respeita à materialização e codificação dessa sedentariedade, ou seja, habitar casas. Mas a fraca condição sócio-económica dos membros da comunidade cigana dificultava qualquer processo de melhoria das suas condições de habitabilidade precária, tendo poucos agregados conseguido adquirir casa na povoação e tendo, aqueles que o conseguiram, adquirido casas em estado de conservação deficitário.

2.2. Sobral da Adiça é uma freguesia do concelho de Moura, no Baixo Alentejo, com cerca de 140 km² e que, à data da formação aqui tratada (2011), tinha uma população de cerca de 1 000 habitantes.

Situada a uns escassos 5 km da fronteira espanhola, esta povoação fica desviada das rotas principais, o que lhe traz algum recuo e mesmo um certo isolamento, factor que, mau grado todos os aspectos negativos que aporta, contribuiu para que o seu edificado se mantivesse com características muito homogéneas e no fio da evolução *natural* das tradições locais, em plena “civilização do barro” (Ribeiro, 1961), sendo quase inteiramente constituída por edifícios em taipa. Poder-se-á também inferir, sem grande risco de erro, que a existência destes edifícios até aos nossos dias se deve, sobretudo, a uma condição socio-económica menos fulgurante, e que isso terá impedido a materialização do galopante deslumbramento pelo *industrial*, deixando-nos um património habitacional com bastante interesse construtivo, ainda que com carências pontuais, por vezes pronunciadas, de conservação. Será apenas a esses edifícios mais degradados que, provavelmente, os membros da comunidade cigana em questão terão acesso, considerando a sua condição socioeconómica.



Fig. 1 Parede em taipa

2.3. A taipa é uma técnica tradicional milenar de construção que caiu em desuso, em Sobral da Adiça como noutras zonas do país e do mundo, e cuja mestria se perdeu no fio do tempo, entre o deslumbramento pelo industrial do pós-guerra e a estigmatização de técnicas e materiais relacionados com períodos de menor fulgor económico.

Assente em esquemas de transmissão tradicionais – por via oral e aplicado ao contexto específico – esta técnica foi sendo progressivamente desvalorizada desde o pós-guerra, até ao seu tímido ressurgimento nos anos 1980, um pouco por toda a Europa, e à sua bem recente transformação em *must* de um sector dos arquitectos contemporâneos.

Um dos responsáveis máximos pelo ressurgimento desta técnica em Portugal, nos anos 1980, o arquitecto Alexandre Bastos refere a propósito da taipa um certo entusiasmo utópico de *construir quase tudo com quase nada* (Bastos, 2005, p. 155), enquanto Pedro Prista refere que *a obra em taipa é um condensado de memória e uma lição de habitar e de existir humano, ou seja social* (Prista, 2014, p. 35).

Esse *existir social* está igualmente presente na relação íntima entre os vários aspectos da execução de uma obra e de organização dos seus intervenientes. Em contextos sociais de pequena dimensão, a obra de taipa proporcionava um intercâmbio e uma entejuda inevitáveis e dinamizadores da identidade sociocultural da comunidade. Questões muito práticas – tipo de solo, formas de organização do trabalho, disponibilidade de recursos, programa do edifício, contexto climático-paisagístico, etc. – levavam a uma especificidade empiricamente sólida e reconfortante dos saberes em cada local, região, grupo social, etc., intimamente ligada à da sua comunidade e não a critérios exógenos que se lhe sobrepusessem. Assim, como lembra Teresa Beirão – outra das figuras maiores do ressurgimento da taipa em Portugal – a taipa *não está homologada nem normalizada. Depende do solo de cada região, do saber de cada mestre taieiro. No dia em que a certificarem, deixa de ser taipa* (Caetano & Vasco, 2011, p. 167).

Em termos gerais, a taipa consiste na compactação de terra para obtenção de elementos construtivos – geralmente paredes, mas também pilares, contrafortes, muros, etc. – que tradicionalmente eram portantes. Ou seja, com nada mais do que terra – geralmente (e idealmente), a do próprio local de construção – erige-se paredes monolíticas

que serão simultaneamente o invólucro, a estrutura e o dispositivo térmico/acústico de um edifício (fig. 1). Essa compactação é feita, por meio de um *maço* ou *pilão*, em camadas sucessivas de terra, colocada dentro de um *taipa* – cofragem montada *in situ*. Ao conjunto dos utensílios (taipais, pilão, costaneiros, etc.) é dado o nome de *estojo* (fig. 2).

3. Formação – premissas

3.1. Programa

A formação pretendia ser resposta-acção à situação da comunidade cigana de Sobral da Adiça. O *Objectivo Global* pode ser resumido como *Melhoria das condições de vida da comunidade cigana de Sobral da Adiça*, identificando-se *Objectivos Específicos* tais como *Aquisição de competências em (re)construção em taipa*, ou *Capacitação na preparação e execução de obra em taipa*.

A iniciativa partiu da ACDMoura¹, e o convite dirigido visava a coordenação técnica da formação, a programação e condução das sessões e dos trabalhos, e a elaboração do caderno de encargos. Importava, antes de mais, ponderar sobre a pertinência e a viabilidade da formação, quer numa análise contextual da sua montagem e realização, quer numa análise abrangente dos seus potenciais resultados e sustentabilidade. Três eixos se afiguravam, para tal análise:

O primeiro – técnico – sobre a pertinência e a viabilidade contextual de utilização da técnica construtiva *taipa*. Analisando as *sete variáveis: localização da obra; características do solo; disponibilidade da terra; tipo de obra (pública ou privada); adjudicação; programa de obra e a sua dimensão; balanço económico* (Ferreira Mendes, 2005, p. 174), e juntando a variável mão-de-obra como um dos resultados directos da própria formação, e uma flagrante validação histórica e socio-cultural, ficava clara a pertinência circunstancial do tema *taipa*.

O segundo eixo – racional – sobre a componente *autogestão* inerente à capacitação de pessoas na gestão física e intervenção no seu *habitat*, um pouco no espírito do que defendia Hundertwasser, no seu *Manifesto do Mofo contra o racionalismo na arquitectura*, de 1958, em que arroga para todos os homens o direito de construir como querem, acusando a arquitectura actual de ser *criminosamente estéril*, pelo *facto de o processo construtivo parar quando o utente entra na sua habitação, quando na verdade devia ter início precisamente nessa altura, e desenvolver-se como a pele à volta de um organismo humano* (Muthesius, 1997, pp. 304-309).

O terceiro eixo – social – sobre a necessidade de assumir esta intervenção como *revolucionária* no seu âmago porquanto, *na cultura arquitectónica, ser radical corresponde normalmente a uma posição política, sendo que essa missão política e social importante é com frequência suprimida pela questão do design [...]; por extensão, aquilo que é considerado radical no campo da arquitectura é igualmente radical do ponto de vista sociológico* (Leach, 2005, p. 119).

Ficava, assim, validada a pertinência da proposta da ADCMoura, para a realização de uma formação neste tema, com este público-alvo e neste dado contexto.

¹ Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura – ADL em actividade desde 1993, empenhada no desenvolvimento de projectos eminentemente participativos e fundados nos saberes tradicionais e locais, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável de uma sociedade inclusiva.



Fig. 2 O *estojo*: *taipais* (painéis laterais), *frontal*, e peças de fixação (*agulhas*, *costaneiros*, *côvados*). O *estojo* utilizado na obra do Sobral da Adiça apresenta algumas inovações relativamente ao tradicional, tais como os *costaneiros* em tubo metálico, ou o uso de painéis pré-fabricados em madeira

3.2. Desafio-risco

Um dos desafios mais complexos era a circunstância de se pretender dar ferramentas *para construir* a um grupo que não tem tradição (nem, porventura, códigos estruturados) nesse domínio. Ainda que em contexto substancialmente diverso, evoca-se a reacção ao projecto *situacionista New Babylon*, do artista Constant: *projectar uma cidade para um povo nómada é um contra-senso* (Argan, 1970, p. 431).

Uma vez que os ciganos habitam uma *abstracção relativamente a uma ideia material e perene de construção/casa*, e que a cultura nómada/cigana é *essencialmente imaterial sem ícones e ídolos formais*, [...] *tem na sua essência a imaterialidade fortemente codificada* (Mestre, 2015, pp. 13,64), corre-se o risco de esbarrar com um pragmatismo racionalista, em que Hennes Meyer proclamava que a arquitectura, *como obra resultante do pensamento humano está em contraposição à natureza* (Kruft, 1990), no caso, à *natureza sociocultural* do destinatário da formação.

3.3. Desafio-ambição

A escolha do objecto de estudo/prática da formação encerrava uma ambição na definição dos seus *Objectivos*, visando um alargamento de resultados esperados: escolher, como objecto de intervenção, uma das casas em taipa já pertencentes a um dos membros da comunidade cigana

local, parecia de abrangência circunscrita e, sobretudo, potencialmente criador de assimetrias internas. Assim, propôs-se a identificação de um edifício de carácter comunitário (preferencialmente, público), para ali se intervir, alcançando três novos vectores de desenvolvimento do projecto: trabalhar sobre um edifício exterior ao projecto, para evitar as referidas assimetrias internas; obter a colaboração (ainda que *passiva*) da comunidade local, por via da cedência do edifício; criar uma *ponte* com a restante comunidade de Sobral da Adiça, através da intervenção-melhoria-devolução de um edifício comunitário.

O desafio, portanto, seria não a (re)construção de um edifício, mas a *construção* de um *espaço* comum. E *os espaços recebem a sua essência não do espaço mas sim do lugar* [...] *os espaços onde se desenvolve a vida são antes de tudo lugares*. [...] *o lugar não existia antes da construção da ponte* [...] *origina-se somente a partir da ponte* (Heidegger, 1976, p. 102).

A beleza de algo não resulta da sua forma aparente, mas da combinação de forças e fenómenos que a originam. Desta combinação de forças, resultaria uma beleza *materializada* na *ponte* que, por sua vez, originaria o *lugar* onde, então, se edificaria o *espaço* – de (re)encontro. Era a clarividência da dicotomia de que *é preciso criar um sistema, ou ser escravizado pelo de outro homem* (Blake, 1987, p. 651), numa iniciativa de concertação, negociação: *Sabemos actualmente, desde Barth (1975), que a etnia é uma construção social, que a identidade étnica é relativa, flutuante, em parte situacional e negociada* (Olivier de Sardan, 1995, p. 29).

Das poucas alternativas identificadas, optou-se pela casa da paróquia. Pela dimensão deste edifício, e pelo seu estado de abandono e crescente degradação, foi definida uma área de intervenção compatível com os recursos e os objectivos da formação – pretendia-se *formar*, pelo que o factor *pedagogia* se sobrepunha ao factor *resultados materiais*, com as condicionantes decorrentes, sobretudo em termos de tempo.

3.4. Cultura Construtiva Local (CCL)

O desafio passaria inexoravelmente pelo crivo da sustentabilidade, nos seus quatro pilares – social, cultural, ambiental, económico. Tratando-se de uma formação que visava futuras estratégias de auto-construção, essa sustentabilidade nunca poderia ser alcançada sem um profundo enraizamento, das práticas transmitidas, na *Cultura Construtiva Local* (CCL) – que *resulta da adaptação*



Fig. 3 Produção de BTC: prensagem [esquerda] e posterior cura [direita]



Fig. 4 Testes de terreno: pastilhas – dilatação/retração [esquerda]; teste Carazas e provetes [direita]

de uma comunidade às condições ambientais do território no qual está estabelecida: físicas, climáticas, sociais, económicas e culturais (Caimi & Moles, 2015, p. 5).

Enquanto sistema *orgânico* de práticas ancoradas na realidade de um lugar e da comunidade que o habita, a CCL é a força de salvaguarda que assegura uma *perpetuidade* – transitória no indivíduo e evolutiva no objecto: é o *saber* tradicional enquanto entidade estruturante de uma cultura e seu movimento perpétuo; *o tempo, o lugar e a memória [...] conjugados por força da experiência anterior, por uma herança que se recebe e transmite em continuada renovação [...], a memória que se comemora em sinal de reconhecimento dos benefícios da herança* (Mestre, 2013, p. 12).

À pergunta de William Morris *pretendemos produzir arquitectura e artes arquitectónicas sem termos a realidade em que se alicerçam?* (Morris, 2003, p. 112), poderíamos responder tal como Rousseau se dirigiu aos cidadãos da república de Genebra: *daqui para o futuro, pertence-vos [...] não já o construir a vossa felicidade, uma vez que os vossos antepassados vos evitaram essa canseira, mas o torná-la duradoura através do bom uso* (Rousseau, 1976, p. 10).

A CCL nos dois tipos de participação na organização do espaço; [...] a participação horizontal [...] prende homens de uma mesma geração, [...] a vertical prende homens de gerações diferentes em obra que se processa ao longo de um período de tempo que ultrapassa a dimensão da geração (Távora, 2004, pp. 20-21). Essa dimensão intergeracional valida as práticas e os saberes, mas também requer uma constante actualização (*evolução*) para responder à fluidez dos tempos – *todo o passado é moderno, se a tensão criadora contemporânea o resgatar num sentido propulsor* (Zevi, 2002, p. 108).

4. Formação - realização

Mas, se é fatal a participação de todos os homens na organização do espaço, tal participação só conduzirá à harmonia na medida em que ela se transforme em colaboração e colaborar significa agir em comum, com uma mesma intenção, com um mesmo sonho. Para tal é necessário que existam uma extraordinária e intensa compreensão, um respeitar para ser respeitado, um falar uma linguagem que todas as partes em presença possam compreender. (Távora, 2004, p. 20)

4.1. Organização

As dificuldades multiplicavam-se, logo à partida: utilizar uma técnica tradicional esquecida; recorrer a mão-de-obra totalmente virgem; respeitar escrupulosamente as condicionantes locais e circunstanciais; privilegiar a dimensão pedagógica sem descuidar resultados materiais satisfatórios; etc.

O vector *sustentabilidade* requeria uma relação estreita com toda a orgânica local: interessava transmitir saberes e práticas que fossem de simples e viável reprodução numa fase de implementação pós-formação. Assim, todos os materiais e equipamentos foram seleccionados, geridos e adquiridos de acordo com o panorama local – disponibilidade, custo, facilidade de aprovisionamento, etc.

A excepção foi a utilização de uma prensa de BTC (blocos de terra comprimida), cedida pela Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa. Com essa prensa foram produzidos alguns blocos (fig. 3) que mais tarde foram utilizados em obra, nomeadamente no topo das paredes, em remates da cobertura, mas também na construção de um arco e um nicho em abóbada.

Enquadrada em formato certificado, e com uma duração de 480 horas, a formação decorreu entre Junho e Outubro de 2011, incluindo uma componente teórica – literacia – às sextas-feiras, sendo os restantes quatro dias úteis destinados à formação técnica em taipa. Devido às elevadas temperaturas na zona e naquele período, o horário de trabalho foi condensado no período da manhã, num total de 46 dias de trabalho em obra/formação técnica.

4.2. Técnica e práticas

A formação dos 15 participantes consistiria numa abordagem aplicada da técnica da taipa ao contexto real em que eles a iriam utilizar. Não se tratava de formar peritos, mas sim de capacitar pessoas a (re)construírem e melhorarem as suas habitações e a compreenderem as práticas de manutenção e as operações básicas de diagnóstico de patologias e respectiva intervenção. Tomando como inspiração o seminal trabalho de Hassan Fathy na construção de Nova Gourná: *Se uma aldeia tiver de ser construída pelos seus futuros habitantes, é preciso dar-lhes as competências necessárias. Seja qual for o entusiasmo que o sistema cooperativo possa suscitar, não servirá de grande coisa se as pessoas não souberem*

assentar tijolos. [...] Precisamos de um método que ensine ao camponês conceitos práticos de construção para que ele possa contribuir eficazmente para a construção da sua aldeia, mas não queremos transformar um agricultor activo em pedreiro altamente qualificado sem trabalho. (Fathy, 2009, p. 130).

Mas, como recuperar uma técnica esquecida e estigmatizada? Como despertar o interesse de quem busca melhoria de vida – por senso comum, plasmada numa noção vigente de *progresso* – apresentando práticas tradicionais e ancestrais? Racionalmente, não parece plausível. Mas sabemos, por experiência adquirida, que o mais pragmático dos técnicos *torna-se criança*, quando se entrega à experiência táctil, telúrica, sensitivo-sensorial da terra. *Há em todos nós uma voz íntima que protesta em favor do passado, quando alguém o ataca: a razão pode condená-lo: o coração tenta ainda absolvê-lo. É que nada há no homem mais delicado, mais melindroso do que as ilusões: e são as ilusões o que a razão crítica, discutindo o passado, ofende sobretudo em nós.* (Quental, 2001, p. 12).

A resposta estaria, portanto, no carácter emocional da experiência *hands-on*, porque *mais facilmente se abala a emoção de um homem do que a sua razão* (Wilde, 2002, p. 16), e esse abalo pode ser uma experiência positiva, até em registo de epifania, se digerido pela emoção sem preconceitos.

4.3. Resultados

Assim, desde o primeiro dia, e ao longo dos 46 dias de trabalho, toda a transmissão de saberes e práticas se processou no terreno de obra, tendo os formandos recebido noções basilares mas sólidas dos princípios da construção em taipa, de identificação/caracterização de terras e de aplicação da técnica construtiva (figs 4 e 5).

Recorrendo apenas a ferramentas manuais – sem recurso a electricidade ou outra motorização – foi realizada uma obra de reabilitação-reconstrução de uma parte do edifício da paróquia, empregando exclusivamente materiais locais, na sua maioria reutilizados e/ou reciclados:

- a taipa que se encontrava desmoronada, ou que foi demolida no âmbito da formação, foi reutilizada para fazer taipa nova, bem como todos os BTC e argamassa de assentamento destes, não havendo qualquer escavação suplementar;
- os tijolos tradicionais recuperados das abóbadas que se encontravam desmoronadas foram usados para regularização do embasamento, reforço de cantos de parede e distribuição de cargas no assentamento dos barrotes da cobertura;
- esses barrotes foram resgatados de uma ruína a escassas dezenas de metros – com consentimento do seu dono – limpos e cortados à medida;
- apenas houve compra de cal (base para as argamassas de reboco que não eram apenas de terra), de tábuas de forro e de telhas para a cobertura.

Concluído o curso, o edifício regressou à tutela da paróquia, ficando assim entregue à comunidade, e

alguns dos formandos juntaram-se para se entreadjudarem em trabalhos de melhoria de algumas das suas casas. Nalguns casos, esses trabalhos previam ampliações para além de reabilitação do existente.

A nível interno, houve um empenho louvável de todos e um interesse visivelmente crescente por parte dos formandos, plasmado no facto de dois outros membros



Fig. 5 Parede em taipa, logo após descobrimento. (Rui Vasco)

da comunidade terem pedido para ingressar na formação quando já esta decorria – o que foi aceite.

Em análise subjectiva – uma vez que não houve lugar a qualquer avaliação formal – parece ter havido uma boa aquisição de conhecimentos e compreensão dos princípios de base como fundamento das práticas.

A nível externo, houve várias manifestações de apreço de moradores do Sobral da Adiça, havendo inclusivamente alguma surpresa generalizada pela constatação da desmistificação de alguns preconceitos existentes relativamente à etnia cigana, nomeadamente no que diz respeito à sua capacidade/empenho em trabalho *convencional*, que não passou despercebido na povoação, e a obra conseguida assim o atesta. Revisitando Heidegger (*op. cit.*): *a ponte* foi criada, para que possa surgir o *lugar* e nele erigir o *espaço* – de encontro, interacção, tradição-evolução *negociada*...

There is a crack in everything, that's how the light gets in
Cohen, 1992

5. Conclusões

A especificidade da técnica da taipa – fortemente enraizada na cultura ancestral local, e sem *materialização académica*, não obstante a sua extensa *materialidade* – terá também constituído paralelo mnemónico abstrato à própria *configuração sociocultural cigana* [...], *por ser essencialmente oral, que transita de geração em geração como o próprio movimento em que se relaciona a comunidade* (Mestre, 2015, p. 64). Ou seja, o carácter empírico, oral e de transmissão intergeracional da *cultura da taipa* terá tido eventuais similitudes com a matriz mnemónica sociocultural cigana, o que terá constituído potencial elemento agregador de transmissão e assimilação, no desenrolar da formação.

A modalidade muito prática *hands-on* do curso de formação terá reforçado esse carácter orgânico das técnicas e práticas, evitando um provável efeito *filtro-atrito* de uma abordagem mais teórica e académica.

A imaterialidade de um saber ancestral (a taipa), tradicionalmente transmitido por via empírica e oral, poderá e terá sido porto de afinidade de uma cultura também ela imaterial e oral (a cigana) e, dessa forma, ter criado a *ponte* que une margens à partida opostas – os *nómadas* e os *fazedores de casas*.

Não obstante a importância e o valor dos vários aspectos, objectivos e resultados desta formação, aquilo que parece realmente constituir uma mais-valia e singularidade que justificam, entre outras coisas, a própria elaboração deste artigo, é a abrangência da acção levada

a cabo pela ADCMoura, que, numa estratégia feliz e ambiciosa, passou do que poderia ser apenas (mais) uma mera formação técnica com benefícios quase exclusivos para os seus beneficiários directos – os formandos (fig. 6) – para um programa que transcende o domínio da técnica e da construção, e entra plenamente no domínio do social e do cultural.

Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.
Távora, 2004, p. 75

* O autor escreve segundo a antiga ortografia

Bibliografia

- Argan, G.C. (1970). *L'arte moderna 1770-1970*. Florença: Sansoni.
- Bastos, A. (2005). "A arquitectura contemporânea na Costa Alentejana" in AA. VV. *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum.
- Blake, W. (1987). *The Complete Poems*. Middlesex: Penguin Books.
- Caetano, P., & Vasco, R. (2011). *Terra Crua – Arquitectura de Natureza*. Mértola: Associação de Defesa do Património de Mértola.
- Caimi, A., & Moles, O. (2015). *Assessing Local Building Cultures for resilience & development – a practical guide for community-based assessment*. Villefontaine: CRAterre.
- Careri, F. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: GG.
- Cohen, L. (1992) *Anthem*. Sony/ATV Music.
- Fathy, H. (2009). *Arquitectura para os pobres – uma experiência no Egipto rural*. Lisboa: Argumentum.
- Ferreira Mendes, M. (2005). "Obstáculos à construção em terra – o abandono de uma opção" in AA. VV. *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum.
- Heidegger, M. (1976). "Costruire, abitare, pensare" in *Saggi e discorsi*. Milano: Mursia.
- Kruft, H.W. (1990). *Historia de la teoría de la arquitectura*. Madrid: Alianza Forma.
- Leach, N. (2005). *A anestésica da arquitectura*. Lisboa: Antígona.
- Mestre, V. (2013). "O Homem, o Lugar, a Tenda, a Viagem". *Victor Mestre: ao (per)correr (d)ja vida*. Almada: Casa da Cerca – C.M.Almada.
- Mestre, V. (2015). "Habitat Nómada: a imaterialidade do espaço – tipologia zero". in AA. VV. *1.º Congresso Internacional Arquitectura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Argumentum.
- Morris, W. (2003). *As artes menores e outros ensaios*. Lisboa: Antígona.
- Muthesius, A. (1997). *Hundertwasser architecture: for a more human architecture in harmony with nature*. Alemanha: Taschen.
- Olivier de Sardan, J. P. (1995). *Anthropologie et développement – essai en anthropologie du changement social*. Marselha-Paris: Apad-Karthala.
- Prista, P. (2014). *Terra Palha Cal - ensaios de antropologia sobre materiais de construção vernacular em Portugal*. Lisboa: Argumentum.
- Quental, A. [1871] (2001). *Causas da decadência dos povos peninsulares*. Lisboa: Ulmeiro.
- Ribeiro, O. (1961). *Geografia e Civilização*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Rousseau, J.-J. [1755] (1976): *Origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*. Lisboa: Europa-América.
- Távora, F. (2004). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP edições.
- Wilde, O. (2002). *A alma do homem sob o socialismo*. Lisboa: Vega.
- Zevi, B. (2002). *A linguagem moderna da arquitectura*. Lisboa: edições 70.



Fig. 6 Fase inicial da obra, com os seus protagonistas [da esquerda para a direita]: Natanael, Serrano, Miguel, Ricardo, António, 'Ruína', Patrícia, Fernando, Hélio, Valentim, Domingos. (Rui Vasco)